

**I CONACSO – Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.**

**A COMUNIDADE DE ALTO IGUAPE: DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA TRANSLOCAL**

Roberto Izoton – PGCS/UFES

**Resumo:** Este trabalho faz uma apresentação etnográfica da comunidade quilombola de Alto Iguaape, que se situa na região montanhosa do interior do município de Guarapari, no estado do Espírito Santo. Inicialmente contextualiza a comunidade, argumentando que ela é uma comunidade quilombola translocal. Em seguida, analisa suas relações de parentesco, destacando seus arranjos de casamentos. Depois aborda suas atividades econômicas e relações de trabalho desenvolvidas e estabelecidas na roça, na rua e no mar. Por fim, trata de sua religiosidade, focalizando seu caráter popular e negro.

**Palavras-chave:** Memória; Identidade; Comunidades Quilombolas.

### **Introdução**

A comunidade quilombola de Alto Iguaape situa-se na localidade das Goiabas, na região montanhosa do interior de Guarapari, no Espírito Santo. Ela teve sua certidão de autodefinição como remanescente de quilombo emitida pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2012. De acordo com uma de suas narrativas de origem, a comunidade teria sido formada por descendentes dos ex-escravizados oriundos de duas fazendas que existiam em Guarapari e que, em meados do século XVIII, pertenciam ao padre Antônio Siqueira de Quental: a fazenda Engenho Velho e a Fazenda do Campo. Essa narrativa, que é apropriada por alguns membros da comunidade e da Associação Remanescentes do Quilombo Alto Iguaape (ARQUI), se baseia em pesquisas realizadas por José Amaral Filho (2009), historiador residente no município, que parte de relatos contidos no livro **Viagem ao Brasil**, do príncipe Maximiliano Wied-Neuwied (1940). Em sua obra, o naturalista austríaco descreveu a república negra que estava estabelecida sobre aquelas fazendas em 1815.

O relato sobre o refúgio de ex-escravizados na região está presente na memória dos membros mais antigos da comunidade, como como o senhor Emílio Borges de Almeida, de 94 anos de idade, que contava a seus filhos e netos histórias que costumava ouvir de seu pai. Essas histórias, que me foram passadas com mais detalhes por João de Almeida, presidente da ARQUI e filho de seu Emílio, dão conta de que o avô deste senhor, que se chamava Gustavo Pinto Ribeiro, teria sido escravizado na Fazenda do Campo, de onde fugiu com sua esposa Maria Vicente da Conceição para se abrigar nas Goiabas. Foram as histórias de seu Emílio que impulsionaram os processos de constituição da identidade quilombola e de reconhecimento da comunidade de Alto Iguape.

É possível dizer que a comunidade quilombola de Alto Iguape é uma comunidade translocal (SAHLINS, 1997), pois, desde o final da década de 1940, algumas de suas famílias fizeram um movimento de saída da localidade das Goiabas em direção à região litorânea de Guarapari, com o intuito de morar mais próximo dos núcleos urbanos do município em busca de melhores condições de trabalho. Mesmo assim, essas famílias, que se estabeleceram nos bairros chamados Samambaia, Banqueta, Jabaraí, Kubitschek, São Gabriel, Paturá e Elza Nader, dentre outros, mantêm forte vinculação com seus parentes das Goiabas e seus membros se sentem pertencentes à comunidade. Neste trabalho, estou me detendo no núcleo das Goiabas, que compreende a comunidade quilombola certificada pela Fundação Cultural Palmares, e no núcleo de Jabaraí, que abriga o maior número de membros da comunidade fora das Goiabas, e no qual estes reproduzem o esquema da família extensa, vivendo uns próximos dos outros.

Nas seguintes seções deste trabalho, focalizarei as relações familiares, as atividades econômicas e relações de trabalho e as práticas espirituais e religiosas estabelecidas e desenvolvidas pelos membros da comunidade translocal de Alto Iguape. Esta comunicação é um recorte do terceiro capítulo da dissertação que estou elaborando para o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (PGCS-UFES).

### **Relações Familiares na Comunidade de Alto Iguape**

Ilka Boaventura Leite (2000, p. 344), ao tratar sobre a ressemantização do conceito, escreve que “de todos os significados de quilombo, o mais recorrente é aquele que remete à ideia de nucleamento, de associação solidária em relação a uma experiência intra e intergrupos”. Para esta autora o direito quilombola se remete, então,

à organização social, diretamente relacionado à herança, baseada no parentesco; à história, baseada na reciprocidade e na memória coletiva; e ao fenótipo, como um princípio gerador de identificação, onde o casamento preferencial atua como um valor operativo no interior do grupo (LEITE, 2000, p. 345).

A importância das relações de parentesco, ou das relações familiares, para as comunidades quilombolas pode ser observada na comunidade de Alto Iguape, que nos dois núcleos em que me detenho neste trabalho é formada principalmente pelas famílias Santana, Rangel, Borges de Almeida, e Mendes da Vitória. Os membros dessas grandes famílias casaram-se entre si, constituindo assim vários núcleos familiares menores. Outras famílias também vieram a se agregar a essas quatro por meio de casamentos, como os Pereira Barcelos, os Marcelino, os Santos, os Cristóvão e os Albertino. Das grandes famílias mencionadas, os Santana e os Borges de Almeida descendem respectivamente de Cláudio José de Santana e de Deoverdino Borges de Almeida, que são filhos de Gustavo Pinto Ribeiro e de Maria Vicente da Conceição. A memória dos Rangel, por sua vez, se remete mais remotamente ao seu antepassado Luiz Pinto Rangel, que é da mesma geração de Cláudio José de Santana e de Deoverdino Borges de Almeida.

Seu Emílio, que é filho de Deoverdino Borges de Almeida, explica que a diferença nos sobrenomes dos filhos de seu avô se deve ao antigo hábito da adoção dos sobrenomes dos padrinhos das crianças na ocasião do batismo. Ele conta que seu pai era casado com Valentina Maria do Sacramento, com quem teve quatro filhos. No mesmo período, de acordo com seu Emílio, Deoverdino também mantinha relações conjugais com Ana Maria do Sacramento, que foi morar com o casal quando tinha 12 anos. Deoverdino e Ana Maria tiveram seis filhos, um dos quais é seu Emílio. Depois que suas duas mulheres faleceram, Deoverdino passou a morar com Lidurgéria Maria da Conceição, com quem adotou uma menina chamada Benedita Vitória, em virtude do falecimento de sua mãe durante o parto.

O senhor João Cláudio Santana era filho de Cláudio José de Santana com Aurélia Maria da Conceição, que era irmã de Luiz Pinto Rangel. Ele casou-se com Benedita Vitória, com quem teve 14 filhos, dentre os quais estão algumas de meus principais interlocutores do

núcleo das Goiabas, que são Benedita Santana, Rosa Aparecida Santana dos Santos e Maria das Dores Santana, mais conhecida como Dorinha. Seu João faleceu durante minha pesquisa, aos 90 anos.

Seu Emílio casou-se com dona Alicia Santana, irmã de seu João, e com ela teve 16 filhos. Além desses, ele teve outras duas filhas com sua própria irmã Etelvina Borges de Almeida. João de Almeida, que é filho de seu Emílio com Dona Alicia, falou abertamente sobre as filhas que o ancião do núcleo de Jabaraí teve com sua irmã na primeira vez em que conversamos nas Goiabas. Quando fui entrevista-lo pela primeira vez em Jabaraí, seu Emílio confirmou que teve duas filhas com outra mulher, mas não disse claramente com quem. De acordo com João de Almeida, dona Alicia ainda assim “cuidou das duas crianças como se fosse filho dela”. Uma dessas filhas mora com seu núcleo familiar em Rondônia. A outra, vive na localidade de Samambaia.

A família Santana, que descende de Cláudio José de Santana a partir de seu João, e a família Rangel, que descende de Luiz Pinto Rangel por meio de seu filho Angelino Pinto Rangel, são as principais famílias do núcleo das Goiabas. A família Borges de Almeida, que descende de Deoverdino a partir de seu Emílio, é uma das principais do núcleo de Jabaraí. Além dela, compõem este núcleo outro ramo da família Santana e a família Mendes da Vitória. O primeiro é formado pelos descendentes de Inácio Santana e Idelfina Mendes Santana; a segunda é constituída pelos descendentes de Maria Santana Mendes e José Mendes da Vitória. Vale destacar que Inácio Santana e Maria Santana Mendes são filhos de Cláudio José de Santana. José Mendes da Vitória e Idelfina Mendes Santana também são irmãos.

Observei entre os membros da comunidade de Alto Iguape dois arranjos de casamento que chamam a atenção: 1) casamentos entre primos, não importa de que grau; e 2) casamentos nos quais dois irmãos de uma família se casam com dois irmãos de outra família, sejam esses irmãos biológicos ou adotivos, promovendo assim o que chamo de troca de irmãos. Ambos os arranjos, na minha perspectiva, têm como objetivos reforçar a endogamia da comunidade e estabelecer ou estreitar alianças entre os sujeitos. Se considerarmos as narrativas segundo as quais Gustavo Pinto Ribeiro era um ex-escravizado que se libertou da escravidão na Fazenda do Campo e que as Goiabas eram um refúgio para ele e para outros indivíduos em igual situação, vemos que tais objetivos se justificam. Desse modo,

os arranjos de casamentos mencionados podem ser considerados uma herança transmitida entre as gerações de membros da comunidade (THOMPSON, 1993), que são descendentes do Gustavo.

Os casamentos entre seu Emílio e dona Alicia e entre seu João e Benedita Vitória são exemplos tanto de casamentos entre primos quanto de troca de irmãos. Nesse caso específico, o estabelecimento e o estreitamento de relações entre os membros da comunidade foram acompanhados de uma transmissão de herança material. De acordo com relato de Dorinha, a casa em que ela e seus irmãos moravam com seus pais anteriormente foi derrubada pelo vento, por ser uma construção de estuque coberta de palha. Depois desse evento, a família foi viver na casa onde o ancião das Goiabas morou até falecer. Já seu Emílio contou que seu João morava em outra parte das Goiabas, e que a casa em que este senhor morava no início da minha pesquisa pertencia a Deoverdino Borges de Almeida. Segundo a narrativa do ancião de Jabaraí, seu João passou a morar naquela casa em virtude de seu casamento com Benedita Vitória, que fora criada por seu tio.

Outro exemplo de troca de irmãos ocorreu na geração dos anciões<sup>1</sup> das Goiabas, entre os irmãos Inácio Santana e Maria Santana Mendes e os irmãos José Mendes da Vitória e Idelfina Mendes Santana. Ambos os casais desceram das Goiabas e compuseram inicialmente o núcleo de Jabaraí da comunidade de Alto Iguape. O primeiro casal que se estabeleceu mais próximo da área urbana de Guarapari foi aquele formado por José e Maria. Ele foi seguido pelo casal formado por Inácio e Idelfina, devido ao estreitamento entre as relações já existentes entre famílias Mendes da Vitória e Santana em virtude dos casamentos endogâmicos de seus membros.

Membros da geração intermediária da família Mendes da Vitória também realizaram trocas de irmãos com outras famílias da região litorânea de Guarapari, como é o caso dos Monteiro, que são uma família de pescadores da aldeia de Perocão<sup>2</sup>. Nesse caso, Maria da Penha Mendes da Vitória e Valdete Mendes da Vitória casaram-se respectivamente com Orestes Monteiro e João Monteiro. Aqui a troca de irmãos não reforçou a endogamia da comunidade, mas atuou no sentido de estabelecer alianças entre as famílias envolvidas.

---

<sup>1</sup> Chamo de geração dos anciões da comunidade de Alto Iguape aquela formada pelos netos de Gustavo Pinto Ribeiro. Geração intermediária é como classifico os filhos dos anciões, e geração mais nova é como designo os filhos e netos dos membros da geração intermediária.

<sup>2</sup> Perocão é uma antiga e importante vila de pescadores do litoral norte de Guarapari, que se localiza próximo à Jabaraí.

### **Atividades Econômicas e Relações de Trabalho na Comunidade de Alto Iguape**

Três tipos de atividades econômicas foram desenvolvidos ao longo do tempo na comunidade translocal de Alto Iguape: o trabalho na roça, que compreende as atividades agrícolas; o trabalho “na rua”, ou seja, na cidade, principalmente em seus setores de comércio e serviços; e o trabalho no mar, que se refere à pesca e à cata de mariscos. Essas atividades econômicas se distribuem entre os membros da comunidade de acordo com suas gerações.

Os anciões dedicavam-se principalmente ao trabalho na lavoura. Todos os membros da geração intermediária exerciam atividades agrícolas, sendo que hoje se dividem entre o trabalho na roça, que é realizado por Valdemar Santana, José Aníbal Santana e Gerônimo Santana, filhos de seu João, e por Paulino Rangel e Manoel Adilson Rangel, filhos de Angelino Pinto Rangel; e o trabalho na rua, exercido por Dorinha, que faz faxinas e já foi cuidadora de idosos e por João de Almeida, que é porteiro. Maria das Graças Santana – também filha de seu João – é aposentada, mas relatou que trabalhou como empregada doméstica. Já os membros da geração mais nova atuam nos setores de comércio e serviços, como Rosana Santana dos Santos – filha de Rosa – e Luzinete Almeida Rangel – filha de Manoel Adilson Rangel e Celina Almeida Rangel –, que respectivamente trabalham em um restaurante no centro de Guarapari e em uma padaria em Buenos Aires; Jossemar Santana dos Santos – neto de Inácio e Idelfina, mais conhecido como Polaco –, que trabalha com comunicação visual; e Adriano Albertino da Vitória – neto de José Mendes e Maria –, que é professor de História da rede estadual de ensino e atua como diretor do SINDIUPES. Adriano e Polaco foram os únicos membros da geração mais nova que afirmaram ter trabalhado na roça.

Benedita, Dorinha e Rosa relataram que as filhas de seu João também trabalhavam com este senhor na roça que ele plantava na parte mais elevada das Goiabas e nas terras de outros proprietários do entorno. Benedita lembrou que ela e suas irmãs faziam uma escala segundo a qual, a cada semana, uma delas ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos e preparando o almoço para os demais membros da família que trabalhavam na lavoura. Benedita afirmou que preferia ir para a roça, pois lá o serviço era pesado mas tinha hora para acabar, o que não acontecia quando ela ou suas irmãs ficavam em casa.

Paulino cultivava bananas no terreno que herdou de seu pai, onde também cria gado à meia com outros proprietários que não têm pasto em suas terras. Além disso, também planta café à meia em uma fazenda do entorno, mas disse que assim que acabar o contrato, na última colheita, não fará mais isso e se dedicará exclusivamente à sua propriedade. Manoel Adilson, por sua vez, trabalha a dia produzindo hortaliças na horta da família Machado, em Buenos Aires<sup>3</sup>. Trabalho a meia, ou meação, é uma relação de trabalho agrícola por meio da qual, no final do processo, o proprietário do terreno ou do gado divide pela metade o que foi produzido com o trabalhador. A meação é realizada tanto na terra dos empregadores – por exemplo, quando estes são proprietários do terreno em que se cultiva o café – quanto na terra dos empregados – por exemplo, quando a eles pertence o pasto em que o gado é criado. No final do processo, o trabalhador vende a sua parte da produção. Trabalho a dia, ou diária, é uma relação de trabalho agrícola por meio da qual os lavradores diariamente recebem dinheiro pelos serviços prestados a outros proprietários nas terras destes.

Darcy Ribeiro (1977), quando trata do patrimônio fundiário brasileiro, divide os camponeses em dois escalões básicos, que são os parceiros e os assalariados. O escalão dos parceiros é formado pelos meeiros e pelos terceiros – que recebem a terça parte da produção no final do processo. É interessante que, segundo o autor, a parceria é contemporânea dos engenhos de açúcar do período colonial e absorveu muitos negros forros, no interior regime escravista, e ex-escravizados, depois da abolição. Assim, os fazendeiros fixavam os negros em suas terras, mas não os tornavam trabalhadores assalariados. Já o escalão dos assalariados é formado por um contingente de trabalhadores, em grande parte temporários, e por seus familiares, que não são remunerados por suas atividades.

A partir da categorização dos trabalhadores rurais trazida por Ribeiro, entendo que enquanto a meação está para uma relação de trabalho não assalariada, devido à natureza da sua remuneração, a diária é uma relação de trabalho assalariada, mesmo que temporária, por ser remunerada em dinheiro. Mesmo assim, de acordo com relatos dos membros da comunidade de Alto Iguape, a meação traz mais estabilidade aos trabalhadores, por ser regida por um contrato assinado com os proprietários. O trabalho a dia, por sua vez, não é registrado na Carteira de Trabalho e Previdência Social nem é regulado por um contrato

---

<sup>3</sup> Localidade da região montanhosa de Guarapari próxima das Goiabas e fundada por imigrantes italianos.

formal, pois os lavradores estabelecem tal relação com os proprietários apenas para “ganhar o dia”, conforme expressou seu Emílio.

João de Almeida contou que, antes de descer para Jabaraí, também exerceu atividades agrícolas no terreno de sua família e nas fazendas do entorno das Goiabas, sendo algumas delas pertencentes a descendentes de imigrantes italianos. É interessante que ele relatou que chegou a trabalhar um dia no que restou da Fazenda do Campo. O filho de seu Emílio conta que, nessa época, percebia que as relações que os fazendeiros tinham com ele e com outros trabalhadores era análoga à relação entre senhores e escravizados.

Era aquela, aquela coisa de, realmente, de escravidão mesmo, não era uma coisa de, de, de um ser humano chegar e... E de valorizar como um trabalhador. Não, eles queriam te usar como escravo. Ainda tinha em mente deles que a gente ainda era escravo, [...] aquele povo que pagava a dia pra gente. Eu trabalhei, eu trabalhei com um cidadão, eu trabalhei com um cidadão, aqui mesmo na Fazenda do Campo, isso aí depois que já havia liberado, né? Que segundo dizem, não existia mais escravo, mas de uma forma ou de outra existia, camuflado. Eu trabalhava descalço, dentro de, de uma área enorme, assim, que só tinha juá – é aqueles espinho, chama de juá. Entendeu? Então, o que que eu fazia? Eu roçava, e limpava o lugar pra botar o pé. Quando eu acabava de cortar aquilo dali e olhava pra trás, eu não tinha mais por onde passar. E era espinho puro! Então, tudo o que eu cortava era espinho, quando olhava não tinha. Então, o cara, ele ficava vigiando a gente. Ele botava uma sete légua, cruzava os braço e ficava assim, ó. O tempo todo te olhando na cara pra você não parar de cortar, entendeu? (Entrevista do autor com João de Almeida, Guarapari, 2014).

De acordo com João de Almeida, outra herança transmitida (THOMPSON, 1993) entre as gerações da comunidade de Alto Iguape que se remetia ao período do cativo era o modo mais embrutecido e mais extenuante de trabalhar, bem como a realização de atividades agrícolas que exigem mais esforço físico.

Então, o povo que trabalhava era um povo revoltado, um povo que não tinha, assim, paciência de trabalhar. Era um povo que trabalhava se matando, entendeu? Essa coisa de... De pegar peso demais! Essa coisa de... de rasgar qualquer coisa na unha lá. Entrava no mato e saía cortando, e saía derrubando. Aquilo dali já não era nem tanto, é... Pela mentalidade deles, mas era daquilo que eles sofreram lá e foram passando pros outros que tinha que ser assim (Entrevista do autor com João de Almeida, Guarapari, 2014).

Narrativa parecida foi apresentada por seu Emílio. Ele contou que, na sua juventude, trabalhava tanto no terreno de sua família, com cultivo de subsistência, e em outras localidades do interior do município, como Rio Calçado e Barro Branco, para a produção de café à meia. Segundo o ancião de Jabaraí, suas filhas também trabalhavam com ele, e a sua família era conhecida pela realização de serviços difíceis.

Nós começamos a trabaíá na roça com oito ano, as minhas fia também começaram a trabalhar com oito ano. Trabalhava no negócio de... Mas elas roçava, elas derrubava, elas pintava e bordava comigo! Rapaz, fazia tudo! Trabalhava fora. Nós num tinha serviço ruim pra nós,



não! Nosso nome era o povo do arranque! Nosso nome mesmo, era o povo do arranque. Todo o serviço encravado eles, eles tava chamando nós (Entrevista do autor com Emílio Borges de Almeida, Guarapari, 2015).

A diária e a meação são relações de trabalho hierárquicas, em que há um patrão e um empregado, que os membros da comunidade de Alto Iguape mantinham principalmente com os descendentes de imigrantes de italianos da área rural de Guarapari para a obtenção de dinheiro, com o qual compravam aquilo que não produziam em suas roças. João de Almeida observa, porém, que estas relações nunca se davam no sentido contrário, e que os membros da comunidade nunca a estabeleciam entre si nem com outros negros do entorno. Neste último caso, era estabelecida outra relação de trabalho: o mutirão, que é coletiva e horizontal.

Presenciei um mutirão realizado nas Goiabas em abril de 2015. Nessa ocasião, membros dos dois núcleos da comunidade se reuniram para limpar um dos córregos que cortam a região e que fornece água principalmente para a casa de Manoel Adilson e Celina. Devido à seca que se abateu sobre o Espírito Santo nesse verão, as fontes de água da comunidade tiveram seu volume drasticamente reduzido, e todos os córregos que elas alimentam praticamente secaram. O objetivo desse mutirão foi retirar o barro e o húmus que se acumulou sobre a superfície do referido curso d'água, para facilitar a queda da fina lâmina do líquido que resistia a seca. Foi muito interessante observar a divisão sexual do trabalho realizada nesse mutirão. Enquanto as mulheres ficaram reunidas na casa de Manoel Adilson e Celina, e com ela prepararam o almoço, os homens, junto com Manoel Adilson, se dirigiram ao córrego para trabalhar na sua limpeza.

Outra atividade econômica outrora desenvolvida pelos membros da comunidade de Alto Iguape é a pesca e a cata de mariscos, realizada no litoral de Guarapari. Como indiquei acima, essa atividade era complementar para aqueles que realizavam atividades agrícolas nas Goiabas, mas se constituiu na principal ocupação de alguns membros do núcleo de Jabaraí. De acordo com Adriano, estes últimos foram introduzidos à pesca em decorrência de relações estabelecidas com membros de famílias de pescadores de Perocão, como os Cristóvão e os Albertino, relações essas que inclusive fomentaram casamentos entre as famílias de Jabaraí e as de Perocão.

Inicialmente, os membros que desceram das Goiabas conciliaram as atividades agrícolas com a pesca, até que a maior rentabilidade da segunda ocupação fez com que alguns deles

se dedicassem exclusivamente a ela, como foi o caso de Antônio Mendes da Vitória, filho de José Mendes da Vitória e Maria Santana Mendes, que morreu em um naufrágio em alto mar enquanto pescava. Adriano lembrou que quando os membros da comunidade que permaneceram nas Goiabas desciam para pescar e catar mariscos, era comum que eles se juntassem com os membros do núcleo de Jabaraí, num movimento chamado por eles de “ajuntamento”. Então, eles iam juntos para as pedras da Praia do Morro pescar e catar mariscos e eram abrigados no final do dia por José Mendes da Vitória e Maria Santana Mendes. Seu Emílio e João de Almeida já tinham me contado que, quando ainda moravam nas Goiabas desciam a pé para pescar e catar mariscos no litoral e que dormiam na praia quando isso acontecia, o que destoa dos relatos de Adriano em relação ao abrigo fornecido por seu núcleo familiar, mas corrobora sua narrativa da prática da pesca pelos membros da comunidade.

### **Práticas Religiosas e Espirituais na Comunidade de Alto Iguape**

Pude observar que os membros da comunidade quilombola de Alto Iguape de todas as gerações e em ambos os núcleos onde estou pesquisando são bastante religiosos. Em sua maioria, eles professam o catolicismo em sua vertente popular (FREYRE, 2006), pois os sujeitos de minha pesquisa de mestrado veem Deus e os santos praticamente como membros da família, se sentindo próximos deles e por eles amados. Além disso, o catolicismo popular praticado por esses sujeitos é também negro, o que se vê pela centralidade da devoção a São Benedito.

São Benedito é um santo negro, nascido na vila de São Fratelo, na Sicília, e filho de africanos escravizados que foram vendidos naquela ilha italiana. Tendo sido liberto junto com seus pais, serviu como religioso em conventos de Palermo, também na Sicília, nos quais exercia atividades de faxineiro e cozinheiro. Devido à sua ascendência africana e à sua condição inicial de escravizado, São Benedito é bastante cultuado pelos negros brasileiros. No Espírito Santo existe a narrativa segundo a qual o navio Palermo, que trazia africanos escravizados para a então capitania, passou por uma violenta tempestade quando estava próximo da costa e naufragou. Os negros, antes do naufrágio, se agarraram ao mastro do navio pedindo a proteção de São Benedito, conseguiram milagrosamente chegar vivos em terra e prometeram celebrar anualmente festas em homenagem ao santo.

Tais festas, na região litorânea do Espírito Santo, entre os municípios de Linhares e de Guarapari são chamadas de congo, devido ao nome do estilo de música que é nelas tocado, ou tambor, em referência ao principal dos instrumentos utilizados pelas bandas de congo<sup>4</sup>. O ponto alto das festas realizadas em honra a São Benedito é a fincada do mastro, no qual uma longa estaca de madeira com a bandeira do santo nela hasteada é fincada no chão. A fincada do mastro é uma clara referência ao naufrágio do navio Palermo e ao milagre que garantiu a sobrevivência daqueles que o ocupavam.

Na primeira vez que estive nas Goiabas, observei que na sala da casa em que seu João morou até a sua morte havia na parede uma prateleira em que, ao lado de dois troféus de futebol, repousavam um crucifixo com a imagem de Cristo, uma imagem de São Benedito, outra de Nossa Senhora da Penha e dois pequenos oratórios. Quando questionado se era devoto de São Benedito, seu João respondeu que “São Benedito é muito querido meu” e que “São Benedito toda a vida foi meu colega. Toda a vida eu fui puxa-saco dele”. Então ele lembrou do tempo em que “brincava tambor a noite inteira”, e afirmou que os jongos<sup>5</sup> que mais gostava diziam o seguinte: “São Benedito, meu amor, foi embora e me deixou” e “São Benedito, meu pai, nosso congo já vai”. Isso demonstra tanto o caráter popular quanto o colorido negro de sua religiosidade.

A proximidade com São Benedito também aparece na narrativa da filha de seu João em relação à escolha de seu nome. Benedita contou que sempre afirmaram a ela que o santo homônimo era seu padrinho, pois sua mãe passou muito mal quando estava para dá-la à luz e o parto durou seis dias. Somente depois que sua avó adotiva, que era a parteira, fez uma promessa a São Benedito é que a menina nasceu sem complicações para si e para a mãe. É interessante que a mãe de Benedita possuía o mesmo nome que o escolhido para sua filha, e que Benedito e sua variante feminina, depois de João, é o nome que mais se repete entre os membros da comunidade quilombola de Alto Iguape.

---

<sup>4</sup> A gama de instrumentos de congo varia de acordo com município em que ele é praticado. Em Guarapari, além dos tambores, feitos basicamente de barris nos quais são fixados os couros que são percutidos, são utilizados também ganzás, que diferem das casacas típicas do congo de Vila Velha, de Cariacica e de Serra por não possuir uma cabeça esculpida em seu topo nem um relevo que simula a vestimenta homônima ao redor de suas ranhuras, chocalhos, chocalhos de contas, caixa e apito. Esses dois últimos instrumentos são de uso exclusivo dos mestres das bandas, e demarcam sua autoridade, pois são utilizados respectivamente para ditar o ritmo dos demais instrumentos e para dar fim a cada jongo.

<sup>5</sup> Em Guarapari, jongo é o nome que se dá aos versos cantados, enquanto congo é a denominação da festa, da música ou mesmo do tambor. Não confundir com jongo ou jongo do Sudeste, que são outras manifestações culturais afro-brasileiras.

Os membros do núcleo das Goiabas da comunidade de Alto Iguape frequentam a igreja católica de Buenos Aires. Essa igreja tem forte presença de descendentes de imigrantes italianos, tanto que logo após a sua porta principal, à direita de quem entra no templo, há uma fotografia emoldurada que retrata o centro de um sacrário, em destaque, e em que se lê a seguinte legenda escrita em italiano: “*Miracolo Eucaristico ‘L’Ostia convertita in Carne...*”. Ainda assim, Paulino e sua irmã Elielza Rangel Santana relataram que seus pais haviam trabalhado em uma das reformas da igreja, e que seus antepassados também participaram de sua fundação.

Os membros dos dois núcleos da comunidade quilombola em que realizei a pesquisa também praticam o congo. Pude observar isso na festa da Consciência Negra, organizada pela ARQUI no Campo do Manoel, às margens da BR 101, próximo à entrada de Iguape, em 22 de novembro de 2014. Tal festa contou com a participação de vários membros do núcleo de Jabaraí e de Paulino, do núcleo das Goiabas, apesar de ser realizada próximo a este último. A festa se iniciou com uma partida de futebol entre o time da comunidade quilombola e o time da Associação Escolinha Rural de Futebol de Guarapari (AERF)<sup>6</sup>. Depois do jogo é que se iniciou o congo, dirigido pelo mestre Tião, do Trevo de Guarapari, que cedeu os instrumentos tocados pelos membros da comunidade.

Achei muito interessante que quase todos os membros da família de seu Emílio tocam todos os instrumentos do congo e se revezavam neles. Me chamou atenção também o fato de dona Alicia, aos 94 anos e sentindo dores, em decorrência do tratamento que faz contra o câncer, ter tocado reco-reco e dançado o congo. Nesse momento, os jongs eram puxados ora pelos membros da comunidade, ora pelo mestre Tião. Vale dizer que este puxou um jongo que afirmou ter composto em homenagem à comunidade quilombola, que diz: “Comunidade, digo muito obrigado. Quando precisar de nós, mande o pequeno recado”.

Seu Emílio havia me contado anteriormente que, quando moravam nas Goiabas, eles tinham todos os instrumentos de uma banda de congo, e que os tambores foram feitos por eles mesmos, com barris que compraram em Vila Velha. O ancião de Jabaraí lembrou que, com esses instrumentos ele e seus parentes brincavam o congo em várias localidades

---

<sup>6</sup> A AERF foi uma das agências que participou do processo de reconhecimento da comunidade quilombola de Alto Iguape. Seu presidente, Reginaldo Lucas Loureiro, é coordenador de projetos da ARQUI.

do interior de Guarapari. Porém, antes de mudar com dona Alicia para Jabaraí, há uns 15 anos, ele vendeu os instrumentos.

Seu Emílio e João de Almeida afirmaram que o congo é um traço distintivo da cultura da comunidade quilombola, ou como um sinal diacrítico, utilizando o conceito de Fredrik Barth (1998). Eles contaram que, apesar de terem antigamente uma banda nas Goiabas, eles sempre participavam das festas de São Benedito em Alto Rio Calçado<sup>7</sup>, junto com grupos de outras localidades, em vez de fincarem o mastro ali. O presidente da ARQUI faz a leitura de que a prática do congo se enfraqueceu no interior de Guarapari, devido ao surgimento de outros produtos culturais.

Ali [em Alto Rio Calçado] já foi um *point* de todas as festas, era muita gente, cara! Você olhava aquele morrinho ali, era de baixo em cima. Quando se falava “festa de São Benedito”, lotava! Aí, vem assim... É mais ou menos assim, [...] também a tecnologia foi aumentando, foi aumentando as balada, aquele monte de coisa, e aí foi mudando (Entrevista do autor com João de Almeida, Guarapari, 2015).

Ainda assim, de acordo com João de Almeida, o congo tem sido resgatado por ser mais divulgado pela mídia ultimamente. É interessante que, na visão dele, o congo como um demarcador da identidade quilombola é algo essencial e até mesmo imutável. Por isso, um de seus anseios enquanto presidente da ARQUI é a aquisição de novos instrumentos para a comunidade quilombola de Alto Iguape.

Apesar de a maior parte dos membros da comunidade de Alto Iguape serem católicos, dois núcleos familiares de Jabaraí aderiram ao protestantismo, o grupo de Orestes e Maria da Penha fazem parte da igreja cristã Maranata, e o de Jaci Mendes da Vitória e Maria Helena Barcelos são da igreja Adventista. Além disso, Adriano contou que seus tios Antônio e Benedito Mendes da Vitória praticaram o candomblé, apesar deste último, que ainda está vivo, não comentar sobre isso com seus familiares. Tal religião afro-brasileira, segundo Adriano, ainda é praticada por Marta Borges de Almeida, filha de seu Emílio e dona Alicia. Adriano levantou a hipótese de que o candomblé era praticado nas Goiabas por seus antepassados, mas que a religião foi abandonada pela maioria deles a partir do contato que tiveram com os descendentes de imigrantes italianos na igreja católica de Buenos Aires, para serem mais aceitos por eles em sua congregação.

---

<sup>7</sup> Localidade da região montanhosa de Guarapari com forte presença de negros e de descendentes de imigrantes alemães.

Imagino que na época ainda existia essa coisa do candomblé! Deve ter existido... Eu não tenho relatos, eu não tô te dizendo de relatos, tá? É uma hipótese. Então, eu acredito que essa, esse contato com a comunidade de Buenos Aires fez com que a comuni... os membros da comunidade quilombola de Alto Iguape, em algum momento, em algum período, é, tivessem esse movimento de negação da própria identidade pra assumir a identidade com a qual eles seriam reconhecidos naquele núcleo de Buenos Aires (Entrevista do autor com Adriano Albertino da Vitória, Vitória, 2015).

A narrativa de Adriano lembra a perspectiva de Max Gluckman (1987), segundo a qual um grupo social, no contato com outros grupos, pode abandonar costumes endoculturais, que são elementos da cultura do próprio grupo, e adotar costumes exoculturais, que são elementos da cultura do grupo com o qual interagem. Nesse caso, o candomblé pode ter sido um costume endocultural abandonado pelos membros da comunidade de Alto Iguape, e o catolicismo um costume exocultural por eles adotado na interação com os descendentes de imigrantes italianos de Buenos Aires. Ainda assim, o colorido negro é presente no catolicismo praticado por eles, como demonstrei acima. Ainda de acordo com Adriano, outra prática espiritual que existiu na comunidade de Alto Iguape foi o benzimento. Tal prática, que segundo Lidiane Alves da Cunha (2012, p. 4) é típica de “mulheres que se dizem católicas, mas recebem influência de crenças espíritas, como as religiões afro-brasileiras e dos rituais indígenas”, foi mantido por Maria Santana Mendes.

### **Considerações Finais**

Esta comunicação abordou alguns dos elementos que foram e que são utilizados pelos membros da comunidade quilombola de Alto Iguape como fundamentos de sua identidade. Tais elementos foram inclusive mobilizados pelos sujeitos da pesquisa no processo de reconhecimento da comunidade pela Fundação Cultural Palmares. Apesar de trabalhar com parte de meu referencial teórico, não propus aqui uma reflexão teórica sobre minha pesquisa e me detive na descrição etnográfica do grupo em que realizo minha pesquisa. Os limites desse trabalho justificam minha opção.

### **Referências**

AMARAL Fº., José. Perocão, uma das aldeias mais antigas do Espírito Santo. **Blog Cultura Maratimba**. Guarapari, 13 jul. 2009. Disponível em:

<<http://culturamaratimba.blogspot.com.br/2009/07/perocao-uma-das-aldeias-mais-antigas-do.html>>. Acesso em: Acesso em: 17 nov. 2014.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 187-250.

CUNHA, Lidiane Alves da. Saberes e religiosidades de benzedeiros. In: **Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR)**, v. 13, 2012. São Luís. Anais... São Luís, 2012. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/565>>. Acesso em 15 ago. 2015.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna. In: BIANCO, Bela Feldman. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987. p. 227-344.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, Lisboa, v. IV, n. 2, 2000, p. 333-354.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização**: processos e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. Petrópolis: Vozes, 1977.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte II). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, 1997, p. 103-150.

THOMPSON, Paul. A transmissão da herança entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada nas histórias de vida. In: **Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1993, p. 9-19.

WIED-NEUWIED, Maximiliano. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.